

PACTO COM DEUS

Um Tempo Oportuno

Remonta já a 1747, que João Wesley fez um apelo a todos os Metodistas para renovarem o seu “Pacto com Deus”. Renovar que quer dizer tornar novo, recomeçar, melhorar, consertar, reparar, dar novo brilho, regenerar, reformar etc...

Este é assim um dia especial; dia de celebração de mais um culto alusivo a esse “Pacto”, dando sucessão a uma prática continuada a partir da primeira celebração em 1755, organizada por o próprio Wesley.

Com este novo “Pacto” iniciamos também mais um ano; e querendo ser realistas, num mundo de sombras, repleto de injustiças e desigualdades, mas também pontuado, aqui e acolá, pela ternura e pela solidariedade comoventes de pessoas próximas que animam o quotidiano e que, de certo modo, o tornam mais poético e mais humano. Mas é sempre um novo ano que temos diante; ano que vem ao nosso encontro. Um ano, sobretudo, como oportunidade para vermos com os olhos de Deus, considerando que o tempo de que dispomos é sempre uma oportunidade salvadora, que Deus põe ao nosso alcance.

E é a nós – cristãos - que cabe o privilégio de a ter nas mãos, em mais um momento da História, apresentando-se-nos cheio de possibilidades e de promessas, embora também com alguns riscos, dramas e até ameaças. Porém, todos somos chamados para gerir bem este dom de Deus, e explorá-lo, cada um ocupando o seu lugar. É todavia tarefa para assumir desde já com muita alegria, muita coragem e uma grande esperança.

O novo ano é portanto para fazermos novo o nosso “Pacto”, recebendo-o como principal responsabilidade, e para descobrir tempo e espaços para estar com Deus, assumindo que fomos feitos para conviver com Ele, sentir a Sua voz; a voz do Senhor que está connosco desde as origens, e ao amanhecer de cada dia.

Por isso, desde logo, é-nos conferida uma nobre missão, e ela aponta no sentido de recuperarmos o dever sagrado do reencontro com Deus - de orarmos; de tirar proveito do novo ano para redescobrir o sentido e a teologia da oração; para voltar à oração em família; para redescobriremos o sentido do Domingo no nosso quotidiano cristão. Será uma excelente oportunidade para darmos a Deus o primeiro lugar na nossa vida; Ele que, gratuitamente, nos dá, todos os dias, todo o tempo da nossa própria vida.

Diante de nós a oportunidade, quem sabe inadiável, de renovação efectiva de cada um de nós com Deus, particularmente procurando conhecê-Lo verdadeiramente; é dado adquirido que só viremos a contemplá-Lo, adorá-Lo, e até amá-Lo, conhecendo-O bem, mesmo sabendo que nunca poderemos conhecê-Lo perfeitamente. É por isso que o nosso conhecimento de Deus incluirá uma peregrinação sem fim, numa eternidade sem limites, sendo que o homem é e será sempre um peregrino do infinito.

Conhecer sempre mais a Deus; é também contribuição essencial para crermos n’Ele. Ao homem é posto crer com tudo o que tem e com tudo o que ele é, inclusive, o porque homem só crê verdadeiramente se crer também com a sua inteligência, perscrutando, até onde puder, as profundidades de Deus.

Por tudo isto, este novo ano apresenta-se como oportunidade para crescer sempre mais no conhecimento de Deus; dos Seus pensamentos, dos Seus desígnios de salvação. Mais: É-nos proposto como dever para todos, de acordo com a capacidade e com os dons que cada um recebeu.

Quem contempla, quem conhece a Deus e os Seus propósitos de salvação, e dá pela sua grandeza e pelas maravilhas do Seu amor, sente logicamente a necessidade de celebrá-Lo, de louvá-Lo, de glorificá-Lo, de dar-Lhe graças. Por isso, acho também que deveria ainda ser este ano particularmente aproveitado para se recuperar o sentido do Domingo como o “Dia do Senhor”; seria também uma forma de estimular mais a presença de todos no culto dominical, bem como o carácter festivo de que este dia sempre se reveste.

Mas, neste ano, e também, façamos do novo “Pacto” um acto de decisão para voltar para Deus, uma vez reconhecida a necessidade de reconciliação com Ele, sabendo que o nosso

Deus é “Rico em Misericórdia” e está sempre de braços abertos para nos acolher; isto vemos confirmado na mais bela das parábolas de Jesus - a parábola do Filho pródigo. Porém, condição para podermos reencontrar-nos com Deus, impõe, de facto, a que com Ele nos reconciliemos primeiro através deste novo “Pacto” que aqui celebramos. Tudo isto, a partir duma certeza, é a de que Deus está sempre à nossa espera para nos perdoar em qualquer momento. E, ao fazê-lo, vivermos em paz, uma vez que de costas voltadas para Ele, acabamos por nos destruir. É um privilégio que nos vem do facto de que todos fomos criados para vivermos frente a frente com Deus, para sermos o “tu” de Deus.

Numa outra atitude, este ano deverá ser também para nos reconciliarmos uns com os outros, dentro e fora da família, na Igreja, na vizinhança, nos lugares de trabalho, atendendo a que cada um dos irmãos e irmãs que vai ao nosso lado nos caminhos da vida, é um filho e Deus e Deus está nele. Por isso, também dizemos que não é possível uma renovação com Deus sem que haja uma reconciliação com os irmãos.

Como crentes, sabemos que Deus está em todos os caminhos do mundo, por amor a tanta gente e por amor a cada um de nós. O desafio – insisto - é para reconhecê-Lo e dar por Ele, sobretudo neste novo ano, e a partir deste novo “Pacto”. Sendo assim, esforcemo-nos por descobrir neste novo ano, todos os lugares onde está Deus, para ali O encontrarmos. Nos nossos caminhos, nas nossas ocupações, nos nossos momentos de lazer, etc...; aprendamos que é aí que Deus está a amar-nos, a cuidar de nós, expressando-se no amor com que nos criou. Deus é vida.

É no afã dos nossos paços que Deus está à nossa espera, neste novo ano. Ano para, pelas nossas vidas, anunciarmos esse Deus que Se nos revelou em Jesus Cristo; aos que já O conhecem e O amam, para que O conheçam ainda melhor; aos que O conhecem, mas vivem absortos no meio das muitas sombras e sobretudo sem a luz de Jesus Cristo; numa palavra: anunciá-Lo muito em especial aos que ainda O não conhecem. Isto com a particularidade de dever empenhar toda a gente.

Um ano de oportunidade para mostrarmos como é o nosso Deus, na igualdade e respeito de uns pelos outros, cada um no seu lugar mas com uma função específica; para sermos unidos num amor sem limites, fazendo-se o mais possível felizes uns aos outros, como sucede na família “trinitária” que é o nosso Deus.

Um ano para crescer na comunhão, dando sinais verdadeiros de partilha e de vida em comum que interpelem uma sociedade cada vez mais egoísta e individualista. Ano para que a nossa comunidade mostre o primado de Deus e a Sua salvação na felicidade, na alegria, na esperança que deve transparecer nas suas vidas.

Repito-me: vamos iniciar uma nova caminhada, aprendendo a viver face a face com Deus; como alguém escreveu: “a glória de Deus é o homem que vive, mas a vida do homem é a visão de Deus”.

Não pode haver vida verdadeiramente humana, uma vida com sentido, uma vida feliz, a não ser à luz de Deus. As injustiças e as desigualdades, porventura de forma ainda mais gritante em alguns aspectos, e as sombras que pairam como ameaças, marés negras de todas as espécies (sociais, económicas, políticas, ambientais), que subvertem todo o equilíbrio necessário à manutenção do planeta, pondo em causa a dignidade de seres humanos, dêmonos a testemunhar do Senhor que nos salvou, e assumindo que cada um tem parte no âmbito da sua esfera de acção. Nenhum é demasiado pequeno ou demasiado grande para tal fim, isto é, para tornar o mundo mais habitável e fraterno.

Temos pela frente a oportunidade dum tempo de festa, de alegria. Alegria que brota sempre do coração de Deus. E, se essa alegria nos inundar, nasce com ela o homem festivo, que é o homem do futuro, o homem do terceiro milénio.

Somos filhos de Deus, chamados para o exercício de uma nobre missão que certamente beneficiará este mundo em que vivemos; só a cumprimos se entregarmos o nosso caminho ao Senhor, pondo a nossa confiança n’Ele que tudo fará. Pessoalmente oro por uma Igreja decidida e não hesitante. Os cristãos devem ser convidados a reflectir, particularmente quando já descobriram que Jesus é a única esperança do mundo; só n’Ele há salvação.

Diacono Carlos Sousa